

SERVIÇO DE PROMOÇÃO HUMANA (SPH): ESPAÇO E ORGANIZAÇÃO (1962-1979)¹

Vera Lúcia Silva²

RESUMO

Este trabalho traz uma discussão sobre a cidade de Camocim e a criação do Serviço de Promoção Humana (SPH), por meio de entrevistas e dos documentos produzidos por essa instituição, buscando compreender o espaço em que ela foi formada, como, por que e por quem foi se constituindo nas décadas de 1960 e 1970.

Palavras-chave: Camocim, SPH, Igreja, Trabalhadores, Padre Luís.

ABSTRACT

This paper presents a discussion of the city of Camocim and the creation of the Human Promotion Services (HPS), through interviews and documents produced by that institution, seeking to understand the space in which it was formed, how, why and who was constituted in the 1960s and 1970s.

Keywords: Camocim, SPH, Church Workers, Father Luis.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretendo discutir, através dos documentos do “Fundo: Serviço de Promoção Humana (SPH)”, localizado e disponível para pesquisa no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS), no Centro de Ciências Humanas (CCH), da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), tais como estatutos, planejamento de atividades, de 1966, livro de atas das reuniões mensais dos trabalhadores associados ao SPH e correspondências, e de entrevistas com um médico e um agente do Serviço Social da Indústria (SESI) como e por que o SPH nasce na cidade de Camocim a partir da iniciativa do padre Luís Gonzaga Melo; como essa cidade aparece nos documentos escritos e nas entrevistas; que missão de Igreja influenciou essa criação.

¹ Este artigo é parte do primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado, em que analiso a mobilização do Serviço de Promoção Humana (SPH), em Camocim, no período de 1962-1979, junto aos trabalhadores que constituíram o seu quadro de associados, em torno das atividades que a instituição foi criando a partir de temáticas trazidas das vivências desses trabalhadores, tais como educação, saúde, moradia, alimento e trabalho; destacando a presença da Igreja no desenvolvimento dessas atividades, sob a perspectiva da intervenção social, validação de costumes e valores defendidos por ela; problematizando o que foi essa experiência do SPH e desses trabalhadores na cidade e para além dela; buscando compreender os significados que os trabalhadores estão atribuindo a essas experiências, as memórias construídas pelos documentos institucionais e pelo diálogo com esses sujeitos. SILVA, Vera Lúcia. **Mobilização, educação e memória: o Serviço de Promoção Humana (SPH), em Camocim-CE, 1962-1979.** 2015. 224 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16507/1/MobilizacaoEducacaoMemoria.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2016.

² Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora da Rede Pública de Ensino do Município de Coreáú. E-mail: veralucia.historia@hotmail.com.

Pensando essas linguagens como atividades práticas e constitutivas do social, considero as fontes aqui apresentadas, conforme me faz lembrar Maria do Pilar Araújo Vieira, Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Yara Maria Aun Khoury, “não como o real, mas como *parte* do real, produzidos segundo determinados interesses e valores.”³ Os documentos escritos, produzidos pela diretoria do SPH, tinham o propósito de registrar as atividades produzidas e, ao mesmo tempo em que incluíam a função de facilitar a sua organização e sua administração, buscavam construir uma memória sobre a entidade que privilegiava o trabalho comunitário – embasado nos valores da tradição cristã – no enfrentamento dos problemas socioeconômicos vivenciados por domésticas, pescadores, agricultores, comerciantes, salineiros, carregadores do porto, pedreiros, costureiras, estivadores, carpinteiros, trabalhadores da Rede de Viação Cearense (RVC), pintores, lavadeiras, mecânicos, feirantes, marchantes, carreteiros, motoristas, trabalhadores do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER), magarefes, sapateiros, padeiros etc. nos anos 1960 e 1970.⁴

Por sua vez, as fontes orais trazem as interpretações e significados que os sujeitos estão atribuindo às experiências vivenciadas no interior do SPH, pois, como faz lembrar o crítico literário italiano Alessandro Portelli, elas oferecem a possibilidade de mostrar a capacidade de o sujeito ver, interpretar e influir na história.⁵ Diferente dos historiadores, que estão interessados em reconstituir o passado, esforçando-se para ter uma sequência linear, cronológica, os narradores estão interessados em projetar uma imagem, em buscar reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e de temas, no transcorrer de sua vida.⁶

As questões colocadas foram pensadas a partir do diálogo com as evidências e com a teoria, tendo em vista as reflexões de Edward Palmer Thompson, de que “o discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro.”⁷

³ VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 34.

⁴ VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, *op. cit.*, 1991, p. 18: “Daí decorre para o historiador a necessidade de não ver a linguagem como neutra ou “despolitizada”, mas pensada ‘dependendo de um mercado, garantindo certas modalidades de relações sociais e colaborando na constituição de certa memória’”.

⁵ PORTELLI, Alessandro. “A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996. Em outro momento, Portelli defende como os registros orais informam sobre as relações mais amplas, pois, ao construir sua narrativa, o narrador faz o encontro de um acontecimento, um lugar e uma subjetividade, o que dá à memória individual o valor qualitativo que devemos considerar ao trabalhar com o registro oral. Ler discussão: ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. História Oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 25 e 26, p. 27-54, jul./dez. 2001/jan./jul.2002.

⁶ Ler PORTELLI, Alessandro. “‘O momento da minha vida’: funções do tempo na história oral”. In: FENELON, Déa Ribeiro *et al.* (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’Água, 2004. p. 300.

⁷ THOMPSON, E. P. Intervalo: a lógica histórica. In: _____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 49.

2. A CIDADE DE CAMOCIM E A CRIAÇÃO DO SPH

É possível compor parte da história de Camocim em fins da década de 1950 à de 1970, tomando como mote a análise das memórias de alguns de seus moradores, por meio das fontes orais e de indícios apontados pelas fontes escritas. Neste sentido, trago um trecho da entrevista do professor Benedito Genésio Ferreira⁸ com o médico José Maria Primo de Carvalho, conhecido por Dr. Zé Maria:

Professor Benedito: – [...] qual foi o... ambiente que você encontrou em [19]58, ao chegar aqui, começo da década de [19]60, quando é fundado o Serviço de Promoção Humana? Qual é o clima sociopolítico, né, da cidade, né? Qual é o contexto econômico, social e político, naquela época de Camocim, nesse fim de década de [19]50 e início da década de [19]60, quando é fundado o Serviço de Promoção Humana, aqui?

Dr. Zé Maria: – Camocim, a essa época... a essa época Camocim... que a gente, muitas vezes, pejorativamente, se refere que é “a terra do já teve”, né... Camocim, nessa época, ainda tinha, ainda tinha. Nós tínhamos uma indústria salineira produtiva, havia navios de grande porte. Eu me lembro do “Rio Piandó”, me lembro do “Aratanha”, a onde a gente fazia até almoço abordo da sociedade e embarcando quatro, cinco, seis mil toneladas de... sal dos trapiches, das salinas de Camocim. Havia o transporte ferroviário pra Camocim e havia os... portos e aeroporto, porque a “Real Aerovia” mantinha linhas permanentes aqui, em Camocim. E... portanto, havia um desenvolvimento em Camocim: exportava as produções dos sertões de Crateús – algodão, mamona, né, as indústrias extrativas da região – e, ao mesmo tempo, recebia arroz, recebia cerveja, recebia outras mercadorias pra serem transportadas de volta pra o sertão. E Camocim era, então, uma cidade promissora, mas, lamentavelmente, havia uma dominância política que, inversamente, ao empobrecimento de Camocim, havia o enriquecimento desses políticos. Enquanto eles enriqueciam, Camocim foi empobrecendo, foram retirando as oficinas da rede ferroviária, depois o trem, a indústria salineira foi desabando pela concorrência do Rio Grande do Norte e as resoluções dos maiores políticos do Brasil retiraram de circulação o sistema ferroviário e o sistema marítimo de navegação, liquidando as companhias... Eu me lembro do Loyd, da Costeira. E, à contra mão de toda a civilização europeia, foram eliminados os transportes mais baratos, mais úteis [...]. Infelizmente!⁹

Dr. Zé Maria é pernambucano, formou-se na Faculdade de Medicina de Recife¹⁰, em 1957. Em seguida, foi para São Paulo fazer um curso Internacional de Sanitarista. Após a conclusão desse curso, veio ao Ceará trabalhar como coordenador da Campanha de Erradicação da Malária, na região Noroeste do Estado – com sede na cidade de Camocim, onde fixou residência –, em 1958. Ali desposou a filha de Alfredo Coelho, líder da oligarquia política “Fundo Mole”, a qual revezou, até o ano de 2000, o poder em Camocim com outra

⁸ Professor do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Dos anos 1963 até 1976 exerceu o sacerdócio e foi diretor-presidente do SPH quatro vezes durante o recorte temporal dessa pesquisa (1967-1968 (interino), 1969-1971, 1974-1977, e 1977-1979).

⁹ CARVALHO, José Maria Primo de. Camocim, 19 mar. 2011. Entrevista concedida a Benedito Genésio Ferreira e a Vera Lúcia Silva.

¹⁰ Fundada em 15 de abril de 1915.

oligarquia, conhecida como “Cara Preta”¹¹. Embora hoje essas alcunhas não sejam usadas com a mesma força das décadas anteriores, as famílias Veras Coelho, representando a primeira, e Rocha Aguiar, a segunda, as quais deram origem a elas, permanecem atuando na política, ora como aliadas¹², o que sinaliza para as tensões, os conflitos, as alianças e as mudanças engendradas nas práticas econômicas, sociais e políticas da cidade.

Dr. Zé Maria foi prefeito no pleito de 1971-1973. É associado ao SPH, desde final dos anos 1960, participando da “Equipe de Educação e Cultura” e contribuindo, nas décadas de 1960 e 1970, com a “Equipe de saúde e higiene” – atendia em seu consultório famílias encaminhadas pela secretaria do SPH¹³. Exerceu a profissão de médico até 2012, trabalhando no Programa de Saúde da Família (PSF), em Camocim. Seu afastamento se deu em função do fim do mandato do prefeito Francisco Maciel Oliveira, conhecido por Chico Vulino, e retorno da família Aguiar ao poder, com a eleição de Mônica Aguiar para o cargo de prefeita.

Seu afastamento do trabalho por questões políticas demonstra a força que as disputas entre as famílias Veras Coelho e Rocha Aguiar têm no presente. Ainda que a nova administração fosse composta por acordo selado entre essas duas famílias, o médico continua sendo considerado opositor ao grupo Aguiar, ora, no poder, por sua relação de longos anos com o grupo Veras Coelho – “Fundo Mole” – e também por causa da relação com o Prefeito Chico Vulino – através do trabalho no posto de saúde do município –, atual opositor daquele grupo, pois, como conta o historiador Carlos Augusto Pereira dos Santos, quem se opõe hoje ao poder vigente é considerado “Fundo Mole”.¹⁴

¹¹ A disputa entre as facções políticas “Caras Pretas” e “Fundos Moles” tem início nas eleições municipais de 1950, em Camocim, quando Murilo Rocha Aguiar, do PSD, e Alfredo Coelho, da UDN, lançaram os candidatos ao cargo de prefeito, respectivamente, Setembrino Veras e João Colares Filho. Essas alcunhas nasceram das características dos seus líderes, das pintas pretas do rosto de Murilo Aguiar e das calças de fundo mole de Alfredo Coelho. Ler NASCIMENTO, Carlos Manuel. Histórias e memórias dos serviços de alto-falantes de Camocim. 2009. 63f. Monografia (Graduação em História), Centro de Ciências Humanas (CCH), Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, 2009, p. 37.

¹² Numa entrevista com o historiador camocinense Carlos Augusto Pereira dos Santos, dialogamos sobre esses dois partidos. Vera Lúcia – E sobre os Partidos “Fundo Mole” e “Cara Pretas”? Carlos Augusto – Então, essa divisão, ela é tão forte, né, que ainda hoje, mesmo que essas famílias hoje estejam juntas, está entendendo?, hoje a família Aguiar, Coelho e Veras formam um bloco só. Mas quem se opõe contra eles é como se fosse os “Fundos Mole”, né. [...]. SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. Sobral, 06 mar. 2013. Entrevista concedida a Vera Lúcia Silva.

¹³ O associado que fosse solicitar uma consulta apresentava-se à secretaria do SPH com seu Cartão de Identificação, em dias com a mensalidade, e o/a encarregado/a da secretaria no plantão encaminhava o nome do paciente com o número de identificação contido no cartão para o consultório do Dr. José Maria, onde seria atendido.

¹⁴ SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. Sobral, 06 mar. 2013. Entrevista concedida a Vera Lúcia Silva.

A memória que Dr. Zé Maria traz sobre Camocim remete a uma memória coletiva¹⁵ representativa de uma cidade próspera do período do Porto e da Ferrovia, referendada com uma expressão recorrente entre parte de seus moradores, como a “terra do já teve”¹⁶. Assim, com as perspectivas de sua experiência no presente¹⁷, ele aponta para evidências de uma cidade que se constituiu, do final dos anos 1920 a meados da década de 1970, pelo desenvolvimento das atividades em torno de seu Porto, que chegou a ser o segundo mais movimentado do Ceará, da Estrada de Ferro de Sobral e da indústria salineira. Esses elementos conjugados atraíram muitas pessoas (trabalhadores, imigrantes estrangeiros, visitantes e negociantes), investimentos e sofisticação de serviços para atender parcela da população, detentora dos lucros dessas atividades e/ou do poder político, e a nova clientela que chegava à cidade pelo porto e por trem, como na rede de restaurantes e até de transporte aero. Camocim servia como núcleo articulador das atividades comerciais, exportando e importando mercadorias e distribuindo para outras cidades da região.

Considerando que a memória é seletiva e que os sujeitos falam a partir do lugar social em que vivem, Dr. Zé Maria, como homem ligado à política, ao falar da cidade do passado, não deseja recompor um tempo e um espaço também constituído pela pobreza, pelas desigualdades sociais. Aponta para as disputas políticas como responsáveis pela falta de dragagens regulares do rio Coreaú, onde ficava o porto de Camocim, e que, conseqüentemente, levaram ao assoreamento, impossibilitando a entrada de navios de grande porte e inviabilizando o transporte de sal e de outras mercadorias que eram escoadas através do porto e do trem. Isso teria provocado uma queda no crescimento da economia.

Contudo, o questionamento seguinte do entrevistador levou-o a falar de uma Camocim que também tinha pobreza, que tinha desigualdades sociais, que tinha pessoas que

¹⁵ Parto da discussão de Portelli que, “quando compreendemos que ‘memória coletiva’ nada tem a ver com memórias de indivíduos, não mais podemos descrevê-la como a expressão direta e espontânea de dor, luto, escândalo, mas como uma formalização igualmente legítima e significativa, mediada por ideologias, linguagens, senso comum e instituições.” PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 127.

¹⁶ Carlos Augusto Pereira dos Santos dedica o quinto item do capítulo 1 – “Camocim: a ‘terra do já teve’” – de sua tese de doutorado a essa expressão. Ler SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Entre o porto e a estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. 1920-1970**. 2008. 257 f. Tese (Doutorado em História do Norte e Nordeste do Brasil) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008, p. 54-60.

¹⁷ Portelli contribuiu para a reflexão de que “[...] a estória está sendo contada tendo o presente em mente”. Ler PORTELLI, *op. cit.*, 2004. p. 302.

enriqueciam a custa da exploração de muitos trabalhadores, que não tinha políticas públicas para educação e assistência à saúde de sua população¹⁸:

Professor Benedito – Isso significa que as classes populares de Camocim foram atingidas por todas essas mudanças por que passou Camocim, né?

Dr. Zé Maria – Como sempre, como sempre, as mudanças políticas sempre sacrificam os menores, sempre sacrificam os menores. Então, não havia, aqui, aquele desenvolvimento pela base, não havia uma escolha, assim, pelo povo, né? Era uma coisa dominada pela riqueza dos coronéis políticos, dominavam a vontade da população e não havia uma assistência médica, não havia educação. Até o exemplo, até o exemplo dos líderes sociais, políticos e econômicos de Camocim eram tristes, eles não formavam os filhos, não formavam filhos para dar o exemplo à população menor, que, naturalmente, tinha a tendência de imitar os poderosos, né? [...]

Professor Benedito – Sei.

Dr. Zé Maria – Não formavam os seus filhos. O exemplo é claro das maiores lideranças que não concluíram nas academias os cursos de seus filhos.¹⁹

O médico, mais uma vez, dá ênfase às disputas políticas ao falar das mudanças que a economia camocinense vinha sofrendo, da ausência de políticas públicas para a educação e saúde. Reporta-se a um processo histórico, de acordo com discussão de Alex Faverzani da Luz e Janaina Rigo Santin, “consubstanciado pelo conjunto de relações de interesse entre os coronéis e o poder público. Essa relação existente garantia a detenção do poder local nas mãos dos coronéis e a efetiva permanência e fortalecimento do poder das elites políticas locais.”²⁰ O coronelismo²¹ teve início no Brasil Imperial, consolidou-se na República Velha e estendeu-se pelas décadas seguintes, principalmente, nas pequenas cidades.

Neste sentido, a Camocim descrita pelo médico e político expõe a presença de coronéis no controle da cidade ainda nos anos 1960 e 1970, e põe em evidência dois

¹⁸ Isso me faz retomar a discussão de Portelli de que o conteúdo das fontes orais depende largamente do que os entrevistadores põem em termos das questões, diálogos e relações pessoais. Assim, ele reflete: “A introdução de Alex Haley para *A autobiografia* de Malcolm X descreve como Malcolm desviou sua abordagem narrativa não espontaneamente, mas porque o questionamento do entrevistador o afastou da imagem exclusivamente pública e oficial dele e da Nação do Islã que ele estava tentando projetar. Isso ilustra o fato que os documentos de história oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, o entrevistador e o entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente.” PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história diferente”. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 35, fev. 1997.

¹⁹ CARVALHO, José Maria Primo de. Camocim, 19 mar. 2011. Entrevista concedida a Benedito Genésio Ferreira e a Vera Lúcia Silva.

²⁰ LUZ, Alex Faverzani da; SANTIN, Janiana Rigo. **Coronelismo e poder local no Brasil: uma análise histórica**. Disponível em: < <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3164.pdf>>. Acesso em 09 dez. 2014.

²¹ “O coronelismo consolidou-se através de um conjunto de ações políticas dos latifundiários brasileiros, denominados coronéis, que, devido ao seu poderio econômico, intelectual ou social, pelo uso da força (muitos possuíam suas milícias particulares), prestígio familiar, popularidade e/ou habilidade política, eram investidos do poder de controle nas localidades em que exerciam suas atividades. Influenciavam diretamente na atuação dos poderes públicos instituídos, já que tinham o domínio econômico e social de suas regiões, a fim de possibilitar a manipulação eleitoral em causa própria ou de uma oligarquia a que faziam parte.” *Idem*.

problemas que a população vinha enfrentando, os quais coexistiam com o crescimento econômico da cidade: a falta de investimentos em educação e saúde. Outro indício da existência desse problema é a ausência de escolas formais. Somente em 1950 é criado um colégio particular, o Patronato São José, e, em 1955, uma escola estadual, o Ginásio Padre Anchieta. Além dessas duas, existiam apenas algumas iniciativas de sindicatos, associações ou de algumas professoras que alfabetizavam, em sua própria casa, jovens e crianças em troca de um pagamento, como elucidam as memórias suscitadas nas entrevistas com professoras e alunos que constituíram as escolas organizadas pelo SPH²².

O diálogo entre professor Benedito e Josias Teixeira Bezerra, agente do SESI de Camocim durante as décadas de 1960 e 1970, traz outros indícios para a composição da cidade de Camocim:

Professor Benedito – [...] a gente já organizou algumas questões para orientar a nossa entrevista. Então, a primeira questão, o primeiro tópico, é, como era a realidade social, política e econômica da população de Camocim, das camadas mais pobres quando surgiu, é, em Camocim, o Serviço Social da Indústria, em [19]61, e, no ano seguinte o Serviço de Promoção Humana, fundado pelo padre Luís Melo? Como era a situação daquelas épocas, uma vez que você foi o primeiro encarregado da Agência do... SESI e participou da fundação do Serviço de Promoção Humana, ao lado do padre Luís?

Josias – Eu me lembro, Benedito... Camocim, a parte Social, é, pode-se dizer, zero. Só tinha umas irmãs capuchinhas, que era lá perto da Praça da Matriz [e o SESI], que tinha... clube de mães, corte e costura, tinha uma porção de atividades, mas, no mais, eu não conhecia, assim, nenhuma instituição, a não ser o SESI, quando se instalou em Camocim, que deu uma grande ajuda, tanto a parte... Apesar de nós não ter muito industriário em Camocim, mas nós tinha a... Rede de... Viação Cearense que o SESI atendia, tinha o Sindicato... dos Salineiros, tinha o Sindicato dos Estivadores, tinha o... Sindicato dos Portuários. Aí, depois foi criado o Serviço de Promoção Humana. Aí tinha o Superintendente [do SESI], que eu levei ele até lá, ele viu... as instalações do Serviço de Promoção Humana, aí se prontificou a ajudar a entidade. Então, o que foi que...? Logo pra início, o... SESI, é, começou a atender... na parte de... saúde, na parte de educação. Aí, depois foi desenvolvendo o trabalho e foi criado outros, como cursos de Corte e Costura, que tinha lá no salão do... São Pedro [...]

Professor Benedito – [...] Cine São Pedro, né?

Josias – [...] no Cine São Pedro, um curso de Corte e Costura. Depois de algum tempo, veio o... Centro de Abastecimento, que era um posto que fornecia, vendia mercadoria a preço de custo, tinha [...] a Farmácia no SESI, tinha a parte de enfermagem, que dava assistência. Também tinha Corte e Costura e tinha curso de Educação de Adulto e nesse tempo [...]

Professor Benedito – [...] Cursos Populares do SESI?

²² SOUZA, Francisca das Chagas de Oliveira; FERNANDES, Maria das Dores Alexandre; VASCONCELOS, Maria de Fátima Bento; PAULO, Terezinha do Nascimento Mendes; PEREIRA, Rita Rodrigues. Camocim-CE, 19 mar. 2011. Entrevista concedida a Benedito Genésio Ferreira e a Vera Lúcia Silva. FERREIRA, Benedito Genésio; FERREIRA, Zilma de Carvalho Araújo. Fortaleza-CE, 06 mar. 2011. Entrevista concedida a Vera Lúcia Silva. OLIVEIRA, Antônio Caetano de; CHAVES, Maria das Graças de Araújo. Camocim-CE, 20 mar. 2011. Entrevista concedida a Benedito Genésio Ferreira e a Vera Lúcia Silva.

Josias – [...] exato, os Cursos Populares do SESI.

Professor Benedito – Certo.

Josias – [...] e o SESI deu uma grande ajuda ao Serviço de Promoção humana porque nós trabalhava em conjunto [...].²³

O olhar que Josias²⁴ lança sobre a cidade parte da sua atuação profissional enquanto agência do SESI de Camocim, instalada ali em 18 de dezembro de 1961. Assim, ele busca falar da cidade pelo ângulo da assistência social. Observa que, nos anos 1960, existiam poucas instituições que desenvolviam trabalhos voltados para as questões sociais, como o das Irmãs Capuchinhas – responsáveis pelo Colégio Imaculada Conceição ou Colégio das Irmãs, como ficou conhecido –, que tinha como foco a educação; o da própria agência do SESI, que tinha por finalidade capacitar os/as trabalhadores/as da indústria salineira, da RVC e dos trabalhadores ligados ao porto de Camocim, com cursos de educação supletiva/educação de adultos, de letras, de corte e costura, clubes de mães, denominados de “Cursos populares”, e dar assistência à saúde e à alimentação desses trabalhadores; e do SPH, que abrangia um público maior e mais heterogêneo de trabalhadores, articulando atividades em torno da educação, saúde, trabalho, moradia, alimentação e entretenimento.

Percebe-se que essas três organizações tinham a educação como ponto comum, o que possibilitou a formação de convênios entre o SPH e o SESI até meados da década de 1970, quando a administração geral deste último cortou os gastos das atividades que vinha desenvolvendo em Camocim. A discussão traçada por Maria Auxiliadora Guzzo Decca, em *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1943)*, traz a escola como referência central na questão da instrução para o sistema capitalista, mormente quando a dominação burguesa está plenamente constituída.²⁵ Nesse sentido, era preciso preparar a mão de obra para trabalhar na indústria. O SESI, embora Josias constate a presença de poucas indústrias em Camocim, visava contribuir para o aumento da produtividade do trabalhador e para o incremento da competitividade da indústria, por meio da educação e qualidade de vida.²⁶

²³ BEZERRA, Josias Teixeira Bezerra. Fortaleza-CE, 06 mar. 2011. Entrevista concedida a Benedito Genésio Ferreira e a Vera Lúcia Silva.

²⁴ Josias foi tesoureiro do SPH no mandato de 1969-1971, foi eleito vice-diretor-presidente do SPH em 04 de março de 1972 e, com a renúncia do diretor-presidente, Walder Ribeiro Costa, em 19 de março de 1973, assumiu a presidência. Nessa época, também fazia parte da equipe do Posto de Abastecimento São Pedro (PASPE). Afastou-se de suas funções no SPH, quando foi transferido para agência do SESI em Maranguape, no dia 09 de janeiro de 1974.

²⁵ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 43.

²⁶ Sobre a atuação do SESI no Ceará ler SESI. Serviço Social da Indústria. Disponível em: <<http://www.sesi-ce.org.br/>> Acesso em: 15 nov. 2014.

O SPH não visava à preparação apenas dos trabalhadores da indústria, mas das famílias de trabalhadores de diversas categorias profissionais. Seu trabalho assistencial estava muito mais ligado aos trabalhos sociais da Paróquia de Camocim do que à indústria – que funcionava como mecanismo de contenção do trabalhador contra o sistema e a exploração capitalista, por meio da assistência à saúde e do barateamento de produtos de subsistência, por exemplo. Contudo, isso não foi um empecilho no desenvolvimento de ações conjuntas, do SPH e SESI.

Essas instituições, como organismo de intervenção social – nos modos de trabalhar, de se organizar, e nos costumes e valores dos trabalhadores – indicam como essa Camocim vai se constituindo e do que vai compondo um espaço que também tem se forjado pelos embates políticos entre as oligarquias e pelas mudanças econômicas.

O relatório de atividades do SPH de 1966, feito pelo segundo diretor-presidente do SPH, o então padre Antonio Edvar de Araújo Lima, afirma que a maioria da população era pobre e seus principais problemas estavam relacionados com a saúde, a higiene, o analfabetismo, a habitação e a alimentação²⁷, o que permite ver a cidade se forjando para além das riquezas produzidas pelo Porto e pela Estação Ferroviária.

As fichas de inscrições dos trabalhadores associados ao SPH também permitem uma aproximação com fragmentos do que constituía a cidade naquele período. A partir desses fragmentos, é possível compor parte da realidade social em que essa multiplicidade de sujeitos vivia: seus anseios, dificuldades, locais de trabalho e indicação de sua participação em outras organizações.

Essas memórias trazem indícios sobre as contradições e desigualdades socioeconômicas que existiam no espaço urbano, permitindo desvendar sujeitos e espaços sociais diferenciados daqueles que se tornam visíveis nos estudos sobre Camocim e as correlações de forças que nele atuavam. Trazer o espaço para o campo da reflexão sobre o social como elemento constitutivo da história dos homens, como habitat e como referência, têm significado, de acordo com discussão de Yara Aun Khoury,

sondar formas como, no fazer-se das cidades, seus habitantes, vindos de diversas procedências, com diferentes trajetórias e bagagens culturais, vêm construindo sua sobrevivência e a própria cidade, lidando com situações de desemprego e de exclusão, reelaborando relações familiares e sociais, hábitos, atitudes, práticas

²⁷ UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ (UVA). Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS). Serviço de Promoção Humana (SPH). Planejamento das atividades do Serviço de Promoção Humana (SPH), 16 de março de 1966, p. 2. Pasta V – Relatórios, 1966. Doravante, usarei apenas as siglas das instituições: UVA, NEDHIS, SPH. Também conversei com alguns trabalhadores que fizeram parte do SPH nesse período, e eles disseram que não tinham lembrança se a filiação acontecera.

religiosas; tem significado sondar maneiras como usam, pensam e veem a cidade, seu lugar e seus direitos nela.²⁸

É a partir da mobilização do SPH na cidade, inclusive ultrapassando seus limites geográficos, e dos trabalhadores de distintas categorias profissionais reunidos em torno dele, que tento apreender um espaço que vai se constituindo no fazer-se da luta diária pela sobrevivência de homens e mulheres em construção, nas páginas que se seguem. Nessa direção, Déa Fenelon afirma que “a cidade é construção dos homens [...]. Ela é memória organizada e construção convencional, natureza e cultura, público e privado, passado e futuro.”²⁹

O SPH foi fundado em 06 de maio de 1962, no bairro de São Pedro, em Camocim-CE, pelo então padre Luís. Embora, nos anos 1980, tenha ocorrido uma tentativa de fusão de suas atividades às Obras Comunitárias da Diocese de Tianguá, sob o aval de seu bispo, Dom Timóteo Francisco Nemésio Cordeiro³⁰, e tenha passado por uma crise que quase levou à sua extinção, a instituição retomou seus trabalhos, a partir de 1993, atuando, principalmente, em quatro áreas: nos conselhos municipais – onde participou da fundação do Conselho da Criança e do Adolescente e obteve assento, tomando parte também do Conselho de Saúde e do Conselho de Assistência Social; como secretário executivo dos Encontros de Entidades Comunitárias (ENECOM's)³¹, os quais resultaram na criação da Federação de Entidades Comunitárias de Camocim (FENECOM)³², em 1997; na Escola de Promoção Humana (EPA), reiniciando suas atividades com a formação de turmas de alfabetização, 1ª, 2ª. e 3ª. séries; e na comunicação social, através da Rádio Comunitária criada em 21 de fevereiro de 1997. Hoje, o SPH participa apenas do Conselho Municipal do Idoso e tenta se reorganizar para criar projetos sociais.

²⁸ KHOURY, Yara Aun. “Viveres e fazeres na/da cidade: os libaneses e a cidade de São Paulo”. **Projeto História**. São Paulo, n. 18, maio 1999, p. 309-310.

²⁹ FENELON, Déa Ribeiro. “Introdução”. In: _____ (Org.). **Cidades**. São Paulo: Olho d'Água, 2000. p. 7.

³⁰ As atas de 21 de agosto de 1979 e de 26 de outubro de 1979, as folhas 97v-98 e 98v do livro de atas de 1968-1980, respectivamente, tratam da filiação do SPH às Obras Comunitárias da Diocese de Tianguá como uma das medidas para adquirir novas associações. No entanto, as atas seguintes não confirmam se essa filiação aconteceu. Ler UVA. NEDHIS. SPH. Livro de atas, 1968-1980, ata de 21 de agosto de 1979, fl. 97v-98v. Pasta O1 – Reuniões e Assembleias: Livros de Atas.

³¹ O SPH foi uma das três instituições articuladoras desses encontros. As outras duas foram a Pró-Reitoria de Extensão da UVA e a Fundação de Ação Social (FAS). O cadastro de entidades/organizações define o ENECOM como “um coletivo formal de entidades comunitárias e de instituições e organizações governamentais e não governamentais que lidam direta ou indiretamente com a causa comunitária, movimentos populares etc.” Ler UVA. NEDHIS. SPH. Cadastro de Entidades/Organizações, 1996, p.2. Pasta B – Administração Geral, 1996.

³² Instância de representação formal de entidades da sociedade civil organizada, ligadas às políticas sociais, criada a partir dos ENECOM's.

Em 1963, a entidade já havia atingido a área que posteriormente, em 1969, formaria o Centro Comunitário São Francisco (CCSF), com o início da construção de uma “Vila Operária”, noticiada na carta do fundador aos alunos da Diocese de Sobral – João Batista Frota, Benedito Genésio Ferreira e José Cândido Fernandes – que estudavam no Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma³³. Chegou também ao centro da cidade com a instalação do Lar da Juventude e do Posto de Abastecimento São Pedro (PASPE), na Rua Santos Dumont (esquina com a Rua Independência).

No início dos anos 1960, o bairro de São Pedro, situado à beira-mar, era um dos mais populosos da cidade e habitado, majoritariamente, por famílias de pescadores, daí ser conhecido também como bairro dos pescadores. Nessa época, ele era considerado periferia, por parecer ficar muito distante do centro da cidade. O trajeto entre a Igreja de São Pedro e o Mercado Público, por exemplo, dá uma distância de 1,7 km, gastando em torno de cinco minutos de carro ou 21 minutos a pé. Com a existência de um número maior de transportes automobilísticos, sobretudo de carros e motos, essa distância parece menor no presente³⁴. A apenas duas quadras da praia, o bairro hoje é valorizado em função das atividades turísticas desenvolvidas à beira-mar.

Naquele período, a zona da praia era desvalorizada pela população que vivia no centro da cidade, também por causa da existência de vários cabarés e casas de prostitutas³⁵, da falta de infraestrutura dos bairros – como calçamento, iluminação, abastecimento de água, rede de esgoto. O historiador camocinense Carlos Augusto Pereira dos Santos afirma que:

como em qualquer outra cidade portuária, este tipo de território era alvo dos preconceitos sociais, e não poderia ser diferente em Camocim. Incrustado no Bairro da Praia, a existência de vários cabarés e casas de prostitutas movimentava a vida noturna da cidade, alimentada ainda pelas atividades do porto e da ferrovia. Contudo, o preconceito contra as mulheres de vida fácil se estendia para toda a população do bairro, tida como ignorante, rude. Ainda hoje os mais conservadores chamam os moradores da praia de “índios”, não escondendo o preconceito contra nossos nativos.³⁶

Mas isso não acontecia só com a zona praeira. Todo espaço que se afastasse, mesmo que uns poucos metros, do centro da cidade era considerado pela população como um lugar desvalorizado economicamente, e até mesmo de difícil acesso. Os preconceitos contra a

³³ Ler UVA. NEDHIS. SPH. Carta do padre Luís Gonzaga Melo enviada aos jovens João Batista Frota, Benedito Genésio Ferreira e José Cândido Fernandes, então alunos do Colégio Pio Brasileiro, em Roma, 1963, p. 1. Pasta D – Correspondências, 1963.

³⁴ Ler LACERDA, Franciane Gama. “Cidade, memória e experiência ou o cotidiano de uma cidade do Pará nas primeiras décadas do século XX”. In: FENELON, *op. cit.*, 2000, p. 213.

³⁵ O historiador Carlos Augusto Pereira dos Santos, em sua tese de doutorado, situa as principais áreas de prostituição na Zona Praeira: Ler SANTOS, *op. cit.*, 2008, p. 205-206.

³⁶ *Idem*, p. 205.

população desses espaços sinalizam para estereótipos presentes na sociedade atual, usados por muitas pessoas que vivem em bairros nobres dentro da cidade para desqualificar moradores da periferia, com discursos que (im)põem rótulos de “bandido”, “criminoso”, “traficante”, “violento”, “drogado”, “ignorante”, “pobre” etc.; ou ainda em relação às regiões brasileiras, em que parte da população que vive no Sul e Sudeste do país rotula as populações do Norte e Nordeste de “atrasadas”, “famintas”, “ignorantes”, “analfabetas” entre outros tantos estereótipos.

Em razão dessa conjuntura e da sua densidade demográfica, o bairro de São Pedro, desde a década de 1930, despertou a preocupação da Paróquia de Camocim e da Diocese de Sobral, à qual esta estava vinculada. Em 1938, o padre Manoel Henriques de Araújo se dirigiu aos comerciantes e ao povo de Camocim, pedindo ajuda para a construção de uma igreja nesse bairro, que, de acordo com a carta, objetivava:

[...] não sómente supprir uma grande lacuna que estava a reclamar sensível e insistentemente a nossa vida de cidade catholica, de uma população que já orça por uns oito mil habitantes, mas, localizada como fica, no centro dos seus bairros mais populosos, visa igualmente uma obra de apostolado e acção catholica, entre o nosso meio operário, approximar de suas habitações os benefícios salutaes da Igreja, afim de que possuam consciência e ideal christão, para, em tempo, se premirem contra a calamidade do comunismo, apregoada, fascinantemente, pelas organizações inimigas [...].³⁷

Em 1942, a Igreja de São Pedro seria inaugurada pelo padre Inácio Nogueira Magalhães. A construção de novas igrejas, principalmente em bairros populosos e afastados do centro da cidade, era uma das estratégias do catolicismo para barrar o crescimento do que ele considerava “organizações inimigas” – não só o comunismo como o anarquismo, o protestantismo e outras, que ameaçavam sua hegemonia. Junto a isso, nesse período, a maior parte da imprensa veiculava em suas matérias a ideia de que o comunismo era algo perigoso e maléfico, na tentativa de evitar que as pessoas aderissem a ele.

Na região Noroeste do Ceará, o jornal Correio da Semana – criado em 1918 pelo bispo Dom José Tupinambá da Frota, e mantido pela Diocese de Sobral até os dias atuais – se destacou no combate ao comunismo e ao anarquismo. Em um artigo de 1931 sobre a moral e os valores, ele afirmava que “a fábrica dos monstros está nas reuniões anarquistas e

³⁷ Carta aberta, datada de setembro de 1938, dirigida aos camocinenses pelo padre Manuel Henriques para a construção da Igreja São Pedro. Cedida, gentilmente, pelo Professor Carlos Augusto Pereira dos Santos, de seu acervo particular.

comunistas, onde as theorias mais abjectas e praticas imoraes, sob o impulso satanico, são desenvolvidas ao clarão rubro da perversidade.”³⁸

A preocupação da Igreja com Camocim era devido à atuação do Partido Comunista, o qual havia instalado, em 1928, um Comitê Municipal³⁹, o segundo do Ceará, pois, até então, apenas Fortaleza tinha um comitê. Da década de 1930 aos anos 1950, embora passando parte desse período na ilegalidade, o partido esteve em evidência na cidade.⁴⁰ A apreensão da Igreja Católica com relação à expansão das ideias comunistas era de âmbito nacional e mundial, a Santa Sé lançou vários documentos⁴¹ proibindo os fieis de votar ou se filiar a algum Partido Comunista nos anos 1940 e 1950, usando, muitas vezes, da imprensa para adverti-los e difundir uma imagem negativa de sua ideologia.

Neste sentido, a atuação da Igreja Católica em Camocim tomou partido na disputa eleitoral de 1946 e 1947, segundo Santos, “abrigo no seio das congregações piás e abrindo espaços nos seus periódicos para os integralistas, força política que se forja na conjuntura dos anos 30 e se constituirá, através da Ação Integralista Brasileira (AIB)⁴², na mais ferrenha opositora dos comunistas filiados à Aliança Nacional Libertadora (ANL)⁴³.”⁴⁴

Embora na década de 1960 o Partido Comunista não tivesse articulado como outrora por causa do Golpe civil-militar, existia em Camocim uma pulsação das ideias comunistas representada pelas pessoas que eram filiadas ou simpatizantes, a qual ainda representava uma ameaça. Neste sentido, a Igreja Católica mantinha a preocupação com a assistência ao bairro de São de Pedro. Em 1962, o bispo de Sobral Dom João José da Mota e Albuquerque enviava

³⁸ UVA. NEDHIS. Periódico. A fábrica dos monstros... CORREIO DA SEMANA, Sobral-CE, 24 jan. 1931. Ano XIII, n. 41, p. 4.

³⁹ Pelo Professor Francisco Theodoro Rodrigues.

⁴⁰ Sobre a atuação do Partido Comunista em Camocim, ler SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim (1927-1950)**. 2. ed. Sobral: Edição do autor. 2011.

⁴¹ Como os decretos de 15 de julho de 1948 e 1 de julho de 1949 e um documento em 4 de abril de 1959, confirmando o decreto de 1949. O primeiro decreto excomungava os que propagavam “os ensinamentos materialistas e anti-cristãos do comunismo e o segundo proibia os católicos de favorecerem, votarem ou se filiarem em partidos comunistas; e de ler, publicar ou escrever qualquer material que defendesse o comunismo. ELIEZER. Marcus. Esclarecimentos do decreto contra o comunismo da Igreja Católica. Disponível em: <<http://paradefesadaigreja.wordpress.com/2011/09/12/esclarecimentos-do-decreto-contr-o-comunismo-da-igreja-catolica/>> Acesso 8 jun. 2014.

⁴² Ação Integralista Brasileira.

⁴³ Aliança Nacional Libertadora.

⁴⁴ SANTOS, *op. cit.*, 2011, p. 49. Ler mais: “É necessário então que a Diocese zele por seu rebanho. Salvar Camocim e outras cidades do ‘perigo vermelho’, ‘do credo de Moscou’, passa a ser a prioridade do clero sobralense que toma a iniciativa de criar Comitês Anticomunistas e instituir as Semanas Sociais. É de Sobral, portanto, que deve partir esta cruzada, tendo, na pessoa do Monsenhor Sabino Loyola, sua principal figura.” p. 52. De acordo com o Jornal Correio da Semana, em uma matéria escrita, provavelmente, pelo Monsenhor Sabino, as Semanas Sociais tinham como objetivo: “[...] esclarecer os operários que, iludidos pelas brilhantes e enganosas promessas do comunismo, deixaram o gremio amoroso da Igreja, vendendo os seus direitos por um prato de lentilhas”. UVA. NEDHIS. CORREIO DA SEMANA, Sobral-CE, 17 dez. 1946. Ano XXIX, nº. 67, p. 4.

para a igreja de São Pedro o padre Luís Gonzaga Melo, com a função, segundo o livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, “especial de proporcionar assistência religiosa e social aos bairros [...]”⁴⁵, principalmente o de São Pedro. Com esse intuito, ele inicia uma série de trabalhos sociais que resultariam na criação do SPH.

No entanto, por um lado, padre Luís⁴⁶ parece flexibilizar essa assistência ao dizer da abertura do SPH para um público mais amplo do que o da Igreja Católica; por outro, essa abertura também poderia ser uma estratégia para chamar atenção de não católicos e uma tentativa de convertê-los. Na carta enviada aos jovens que estudavam no Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma, mencionada anteriormente, ele se contradiz em relação ao colocado em entrevista⁴⁷ e dá evidências de que seu trabalho seria desenvolvido no sentido de orientar a população para os valores cristãos:

Creio já ter falado para vocês sobre um estudo sócio-religioso que fizemos nos bairros de Camocim no ano passado: prática religiosa quase insignificante, hábitos cristãos banhados de superstição, resquícios de rituais dos índios, sobretudo em sentinelas, índices elevadíssimos de prostituição e de uniões ilícitas etc.⁴⁸

A permanência de alguns valores da tradição indígena entre as práticas das pessoas que habitavam o bairro de São Pedro estava ligada ao fato de que a maioria delas era descendente de índios. Esses valores constituem o elemento residual, o qual discute Raymond Williams, definindo-o como aquilo que foi, de acordo com sua proposição, “efetivamente formado no passado, mas está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo no presente”, pois “representa área da experiência, aspiração e realização humanas que a cultura dominante negligencia, subvaloriza, opõe, reprime ou nem mesmo pode reconhecer.”⁴⁹

Dentro da cultura católica dominante, seria inadmissível qualquer resquício associado aos rituais indígenas. Assim, em sua escrita, padre Luís desqualifica os seus costumes para

⁴⁵ ARQUIVO DA PÁROQUIA DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES. 3º. Livro de Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, Camocim-CE, 1962-1989, fl. 5v-6.

⁴⁶ Recém-chegado da Europa e formado também em Sociologia, além de teologia e Filosofia, recebeu de seus professores, como do padre jesuíta Pedro Calderan Beltrão e do padre dominicano Luis-Joseph Lebret. Contemporâneo das discussões no interior da Igreja Católica que resultaram no Concílio Vaticano II, também foi influenciado pela concepção de missão da Igreja na criação do SPH, que se caracterizaria pelo desenvolvimento de trabalhos em mutirão e comunitários *com e para* as “populações pobres” da cidade de Camocim, visando sua “promoção humana”, usando os termos encontrados em seu estatuto.

⁴⁷ MELO, Luís Gonzaga. Campina Grande-PB, 27 fev. 2011. Entrevista concedida a Benedito Genésio Ferreira e a Vera Lúcia Silva.

⁴⁸ UVA. NEDHIS. SPH. Carta de Pe. Melo enviado aos jovens João Batista Frota, Benedito Genésio Ferreira e José Cândido Fernandes, então alunos do Colégio Pio Brasileiro, em Roma, 1963, p. 1. Pasta D – Correspondências, 1963.

⁴⁹ WILLIAMS, Raymond. “Dominante, residual e emergente”. In: _____. **Marxismo e literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 125 e 127.

que seus descendentes se civilizem e se modernizem dentro da proposta capitalista em curso. Esse é o trabalho de incorporação do residual pelo dominante⁵⁰, num processo de exclusão daquilo que não está em conformidade com os interesses capitalistas.

Na defesa dos valores cristãos, a prostituição era considerada um mal que deveria ser combatido. Deste modo, na tentativa de reduzi-la, padre Luís iria iniciar um trabalho de confecção de redes de tucum⁵¹ com as prostitutas, que resultaria, anos depois, na criação de uma equipe de trabalho chamada “Nosso Lar”. Por meio dessa equipe, elas participariam de cursos de bordados, de letras, de culinária e formariam uma oficina de corte e costura. O sucesso da oficina contribuiu para que essa equipe de trabalho ganhasse personalidade jurídica, em 21 de julho de 1971.

Mas não era só a prostituição que despertava a atenção da Igreja no bairro de São Pedro. A união de casais que viviam na mesma casa, sem a formalidade do casamento, também era muito presente, constituindo-se em mais um fator que, segundo a Igreja, infligia seus princípios morais. Portanto, a preocupação da Igreja ia além da assistência social aos bairros mais afastados do centro da cidade, existia uma tentativa de organizar a sociedade de acordo com os valores difundidos pela tradição católica, entendida, aqui, a partir da reflexão de Williams, não como estrutura, mas como processo, prática, atividade, resolução viva e política. Em outras palavras, como a expressão de uma cultura particular, que seleciona certos significados e práticas para dar ênfase ou sentido ao presente e que põe de lado – ou negligencia certos outros.⁵²

Desse modo, à medida que o SPH ia desenvolvendo trabalhos voltados para a educação, alimentação, moradia e saúde, ia dando ênfase aos valores da cultura dominante, a qual tinha como fundamento a tradição cristã, e pondo de lado práticas da tradição indígena. A validação da tradição dominante também se dava mediante a interferência no comportamento de homens e mulheres, ou seja, no modo como o indivíduo se relacionava com outro, e na maneira de ganhar o pão de cada dia, como no caso das prostitutas.

Tendo o presente em mente, padre Luís conta, em entrevista, de suas escolhas e experiências, ao mesmo tempo em que imprime sua interpretação aos fatos, trazendo as

⁵⁰ *Idem*, p.124-129.

⁵¹ Rede usada pelas pessoas para descansar/dormir durante o dia, principalmente nas regiões com altas temperaturas. É feita da fibra das folhas da palmeira ou da carnaúba.

⁵² Reflexões com base no texto de Raymond Williams “Tradições, instituições e formações”, em que coloca que “o que temos de ver não é apenas ‘uma tradição’, mas uma *tradição seletiva*: uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição social.” Ler WILLIAMS, Raymond. “Tradições, instituições e formações”. In: _____, *op. cit.*, 1979, p. 118-123.

contradições de sua formação e a questão da pobreza na década de 1960 como um problema que permanece no presente⁵³:

Professor Benedito: – A nossa primeira indagação se refere à nossa questão, à nossa pergunta, à nossa dúvida, se o Serviço de Promoção Humana foi uma criação da igreja oficial, da diocese ou se foi uma iniciativa pessoal...

Padre Luís: – Veja, quando eu fui pra Camocim, foi uma opção minha, primeiramente. O bispo perguntou se eu queria ser Reitor do Seminário ou eu preferia... Eu disse para ele: “olhe, eu nunca tive nenhuma experiência de povo”. Na realidade, eu tinha... Desde criança, tinha ido para o Seminário, isso e aquilo outro e tal. E depois continuei estudando e inteiramente divorciado do povo, propriamente dito, aí eu disse pra ele que, se pudesse escolher, eu preferiria trabalhar com o povo. E se fosse um povo mais pobre, melhor ainda e, na realidade, era isto que eu precisava, esse... banho de povo. Aí, ele me indicou Camocim. E eu fiquei... Não conhecia Camocim e tal e fui lá pra conhecer [...]. Aí procurei ver os bairros. E tinha que manter uma certa coerência. Se eu tinha escolhido trabalhar com o povo, então tinha que escolher bairro de pobre. E São Pedro... eu fui seduzido. Primeiramente, por essa primeira questão, e depois pela brisa do mar. Eu sou serrano⁵⁴ e não conhecia muito o mar, [*risos*] então [...] optei por ir trabalhar lá, em Camocim. Em Camocim, como eu disse, eu optei por ir praquela região mais pobre e tal. Uma pobreza muito grande e, nesse país, não muda muita coisa, não, a pobreza é a mesma coisa desde daquele tempo até hoje.⁵⁵

O seminário ao qual o padre Luís se refere é o Seminário Diocesano São José, de Sobral, onde iniciou sua formação em 1945, aos 12 anos de idade. Em 1952, foi para o Seminário da Prainha, em Fortaleza. Fez o curso de Filosofia, concluindo no ano seguinte e, em 1954, iniciou o curso de Teologia. Mas o bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, o enviou para fazer Teologia em Roma.⁵⁶ Grande parte de sua formação foi dentro do seminário e, de certa forma, isso o deixava alheio aos problemas sociais e econômicos extramuros. Neste sentido, tomar “banho de povo” significava, para ele, conhecer a situação da população que vivia nos arredores da cidade, que tentava ganhar o pão de cada dia por meio do trabalho árduo nas salinas, no mar, em casas de prostituição ou no comércio de mercadorias.

Seu desejo de entrar em contato com essa realidade, como afirma em sua fala abaixo, é gestado na França, quando faz Sociologia na Sorbonne e Sociologia do Desenvolvimento no Instituto Católico de Paris:

⁵³ Ler “[...] a estória está sendo contada tendo o presente em mente”, como afirma em PORTELLI, *op. cit.*, 2004, p. 302. A história oral “nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*”, de acordo com PORTELLI, *op. cit.*, 1996, p. 31.

⁵⁴ Natural de Ibiapiana-CE.

⁵⁵ MELO, Luís Gonzaga. Campina Grande-PB, 27 fev. 2011. Entrevista concedida a Benedito Genésio Ferreira e a Vera Lúcia Silva.

⁵⁶ Ler MELO, Luís Gonzaga de. **Caminhada**. Campina Grande, 2000, p. 11-13.

Professor Benedito: – É, ao chegar de volta da Europa, que contexto político, econômico e social você encontrou no Brasil, de maneira geral e, em Camocim, de maneira especial?

Padre Luís: – Bom, primeiramente, já em Paris, eu sempre me dediquei mais ao estudo da Sociologia do Desenvolvimento, e era a área que mais me interessava, que tinha todo o problema que se vê ainda hoje da desigualdade social: tinha gente muito rica, gente muito pobre, e algumas famílias, algumas não, a maioria vivendo na pobreza e, muitas vezes, na miséria; e, por outro lado, uma pequena minoria, ah, se usufruindo dos bens materiais, econômicos, culturais da região, tirando partido disso e, às vezes, até, até se valendo dessa pobreza; isso e aquilo outro para se promover. E muita gente ainda hoje... a história se repete, Marx tinha razão, a história se repete. Marx dizia que quando a história se repete é sob a forma de farsa. Então se vive, se viver é uma farsa também. E é isso, a minha formação foi toda baseada nessa, nesse, nessa contradição da minoria muito beneficiada, privilegiada, sobretudo, privilegiada e a grande maioria marginalizada.⁵⁷

Aqui, padre Luís também interpreta a questão das desigualdades sociais como resultado das contradições do capitalismo que exploram a força de trabalho de grande parte da população em benefício de uma minoria e dos políticos que, muitas vezes, usam as necessidades (fome, falta de moradia, saúde e educação) do povo para chegar e permanecer no governo.

A preocupação da Igreja com o problema das desigualdades sociais não era nova. Desde a década de 1950, parte da Igreja Católica vinha discutindo e desenvolvendo trabalhos na tentativa de enfrentar os problemas relacionados à miséria no chamado “terceiro mundo”⁵⁸. Na região Nordeste do Brasil, vê-se a criação do Movimento de Natal, que realizou, segundo Cândido Procópio Ferreira de Camargo, “uma multiplicidade de programas de ação tanto na esfera religiosa como na temporal – educação de base, sindicalismo, extensionismo, cooperativismo, clubes de jovens, de mães, formação de líderes, conscientização religiosa e política.”⁵⁹ Essas experiências fizeram do Rio Grande do Norte um lugar de referência no Nordeste – e também em nível de Brasil – nos novos rumos que a instituição católica tomava, influenciando, inclusive, na criação de algumas atividades do SPH.

As transformações socioeconômicas por que vinham passando o “terceiro mundo” e o agravamento das desigualdades sociais impuseram aos movimentos sociais e às organizações,

⁵⁷ MELO, Luís Gonzaga. Campina Grande-PB, 26 jun. 2010. Entrevista concedida a Benedito Genésio Ferreira e a Vera Lúcia Silva.

⁵⁸ Para uma melhor compreensão, ler XIII, Papa Leão. “Carta Encíclica *Rerum Novarum*: sobre a condição dos operários”. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leoxiii/pt/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_15051891_rerumnovarum.html>. Acesso em 15 nov. 2014. Na Carta Encíclica *Quadragesimo Anno*, do Papa Pio XI, de 15 de maio de 1931, a Igreja reafirma seu posicionamento diante dessa questão social. Ler XI, Papa Pio. “Carta Encíclica *Quadragesimo Anno* da *Rerum novarum*”. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/piusxi/pt/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_19310515_quadragesimoanno.html>. Acesso em 15 nov. 2014.

⁵⁹ CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Igreja e desenvolvimento**. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências Ltda, 1971. p. 67.

como a Igreja Católica e aos sindicatos, a necessidade de repensar suas formas de intervir na sociedade.

Antes do pontificado de João XXIII (entre 1958 e 1963), do Concílio Vaticano II (1962-1964) e das conferências episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), muitos teólogos, bispos e movimentos leigos haviam trabalhado por mudanças na Igreja. De acordo com Scott Mainwaring, “as encíclicas apostólicas⁶⁰ (sic) progressistas e o Vaticano II incorporaram e legitimaram tendências que já existiam ao invés de criar algo novo. Mas, dentro de uma instituição hierárquica como a Igreja Romana, a legitimação de cima é muito importante.”⁶¹ Assim, mesmo que o concílio não tenha criado “novos programas ou novas teologias radicais, suas posições influenciam o processo que acaba por determinar quais concepções da missão da Igreja se tornarão hegemônicas, ajudando, portanto, a determinar as práticas pastorais no mundo inteiro.”⁶²

Padre Luís vivencia esse processo de mudanças na postura da Igreja durante toda sua estadia na Europa, que corresponde ao seu período de formação em Teologia (Roma) e Sociologia (Paris), volta para o Brasil imbuído de ideias novas e cria o SPH. Sua opção de trabalhar com o povo era muito mais do que um projeto pessoal. Era, sobretudo, uma necessidade de colocar em prática aquilo que tinha aprendido em anos de formação, que incluía as preocupações da Igreja com o temporal como aspecto essencial de suas finalidades e objetivos de ação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas linhas acima, procurei demonstrar como o SPH foi se constituído e, ao mesmo tempo, constituindo a própria cidade de Camocim, pois, à medida que se formava, ele ia intervindo nos espaços sociais, na cultura, nos modos de se organizar de sua gente, na economia daqueles que não tinham como pagar uma professora para alfabetizar seus filhos, ou uma consulta e medicamentos para parte de seus doentes, ou na forma de conquistar o pão de cada dia. Em diálogo com as fontes, procurei elucidar também como a criação do SPH foi ganhando contornos a partir da formação de seu principal articulador, Padre Luís, do processo histórico em curso e da peculiaridade da cidade de Camocim.

Apreende-se, portanto, uma cidade dinâmica e plural, que é composta também por sujeitos que não faziam parte do grupo dos que no passado prosperaram em função das

⁶⁰ Papais.

⁶¹ MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. Trad. Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 63.

⁶² *Idem*, p. 139.

atividades do posto e da estação ferroviária de Camocim. São trabalhadores de diversas categorias profissionais, os quais são evidências de um processo histórico em que coexistiam a cidade próspera e a de desigualdades sociais, um espaço economicamente desenvolvido e o que não investia na educação dos próprios filhos.